



VII Fórum de Saúde da População Negra do Município de São Paulo

Memória

Realizado em 28 de setembro de 2019, na sede do Sindicato dos Radialistas do Estado de São Paulo, o VII Fórum Municipal de Saúde da População Negra do Município de São Paulo, dedicou-se ao balanço de sua atuação e as discussões sobre comunicação e racismo.

A atividade foi iniciada por Arnaldo Marcolino e Angelita Garcia que acolheram aos/as presentes, momento este em que cada um/uma fez uma breve apresentação. Na sequência Arnaldo Marcolino dá as boas-vindas à Aliança enquanto anfitrião da casa, destacando em seu discurso a importância daquele momento, na sede do Sindicato que havia acabado de eleger sua nova diretoria.

Matheus Igor apresentou um resumo da caminhada da Aliança ao longo desse primeiro ano de existência, destacando as principais ações realizadas no ano de 2019 e apontando os desafios para a efetiva continuação das atividades conjuntamente com os coletivos/grupos/sujeitos que há compõe. A importância do Fórum Municipal e sua capacidade política estiveram no centro das discussões, razão pela qual “é preciso celebrar a criação do fórum municipal e mais recentemente o fórum de Cidade Tiradentes conduzido pelas mulheres negras”. Após sua exposição, iniciamos o debate a partir das contribuições dos presentes que elencaram pontos importantes nessa área.

Para os participantes do Fórum é importante considerar que “a nossa história enquanto população negra é sempre muito pisante, que a questão é maior, é para além de nós”, mas, “tentam a todo modo retirar a centralidade do negro, de sua imagem, de sua figura”... logo, é preciso lembrar “que temos que ser incentivados, devemos trabalhar a autoestima à partir de nossa base que é o lar, trabalhar a auto valorização dos sujeitos, tocar em questões como respeito, pertença, despertar o sentimento positivo da população negra...”

Aparentemente “parece fácil organizar uma reunião sábado de noite com coletivos negros, mas não é, principalmente em uma sociedade cada vez mais individualista. Temos que fazer a discussão com os sujeitos, e não ser apenas aquele que tem uma pilha de teses guardadas, mas, é, a partir dos diferentes sujeitos que compõem esse espaço, então esse é um dos desafios



presentes na mobilização da comunidade. É preciso compreender que “tem uma fala muito importante que coloca que “nós” estamos indo na contramão do que a própria ciência apontava até então, que o negro não tem capacidade, não tem produção, e, nós estamos dizendo exatamente o contrário... Mas o que mudou efetivamente? Há uma diversidade de coisas que estão ocorrendo, sobretudo no campo individual, mas o que nos sobra, é a sensação de ‘vazio’, que existe uma ‘lacuna’ tal como deseja o racismo estrutural. Isso é gritante no campo da comunicação com seus modelos e imaginários, mas não apenas”.

Hoje sabemos que esse debate nos inferiorizando impera e que isso vem de algumas décadas, de que nós negros, podemos e sabemos. Existem muitos exemplos lá no Rio de Janeiro que inclusive nos tira o nosso lugar de fala e, tenta impor para cada um, cada uma de nós, a ideia de que não somos nada, não somos ninguém. Questões como essa, nos impede de ver os nossos iguais como iguais, também nas peças de comunicação em saúde, direcionadas à população. É preciso oferecer oficinas para capacitação das pessoas, ensinar a concorrer aos editais, considerando que existem possibilidades de parcerias para realizar essas atividades. “Nós fomos adestrados para não falar e a mensagem que vemos é que nós não ocupamos os lugares que poderíamos estar ocupando. Precisamos de pesquisas mais eficientes para saber a nossa realidade”.

A questão histórica não pode ser negada, logo, é fundamental “mirar o alvo certo, usando de espaços como o da Aliança, para fortalecer a nossa comunidade” e “atentar para a importância do território e a ausência do povo preto. E como sabemos, há sim, uma certa apropriação de nossas coisas, basta ver, por exemplo, a quantidade de grupos de pagode em que, há sempre um vocalista branco, mas com os tocadores geralmente negros, atrás, ou nos bastidores, tocando para o branco aparecer ‘em nome do grupo’. Essa é uma imagem muito presente na internet, por exemplo, que se reproduz no cotidiano da vida em sociedade.

É preciso lembrar que segundo o discurso usual “a luta é de classe, então é nossa enquanto classe trabalhadora, cuja maioria é negra. Então é a diferença é que vai nos unir”.

Precisamos considerar questões importantes como: onde estamos? Para onde vamos? De onde viemos? E essas questões permeiam a comunicação porque é parte de um projeto ideológico, de poder, que orienta a organização da sociedade. Existem experiências de diálogos com “jovens que relatavam em suas falas que até queriam ser médicos, mas não se veem nesse lugar”, mas,



na experiência do Sindicato dos Radialistas nos anos 80, destacam-se as formas como se dá o racismo na democracia atual. “Há uma falácia de que não existe atores e cantores negros, e outros profissionais. Se avaliarmos uma novela feita no Estado da Bahia e que não havia negros no elenco, isso nos diz muito. Há uma questão, que não há produção acadêmica que fale sobre a teoria da comunicação a partir da população negra e essas questões também precisam estar no centro do debate”.

Para o avanço do tema na Aliança, que até dado momento não conseguiu avançar com a definição de um projeto político de comunicação em saúde, é preciso refletir sobre as possibilidades de atuar enquanto coletivo que congrega vários outros coletivos. Questionou os presentes o como é possível pensar em ações concretas. Entre as propostas, falou-se em:

- ✓ Usufruir da possibilidade das rádios comunitárias, ainda que não tenhamos muitas... (um exemplo, é a Rádio Exu, do Estado do Paraná que é uma iniciativa que tem dado bastante certo);
- ✓ Os coletivos poderiam oferecer formação sobre comunicação; organizar pequenas equipes para atuar com essa especificidade;
- ✓ Pensar a possibilidade de utilizar o Podcast para divulgar as ações da Aliança e de seus coletivos.
- ✓ Usar do próprio YouTube, com a criação de um canal da Aliança;
- ✓ Realizar gravações curtas (de no máximo 3 minutos) para divulgar nesses canais;
- ✓ É importante pensar em uma marca para a Aliança, algo que a identifique, de fato.
- ✓ Realizar parcerias com as universidades, Escolas técnicas, NEABs e demais, que tenham vinculações com a questão da comunicação, seguindo o exemplo do coletivo que fez parceria com a UniSantos e tem avançado positivamente).

É fundamental lembrar que em se tratando de comunicação, existem certa disputa de narrativas, políticas, porque assim é a sociedade. “É preciso pensar quem é o público que a Aliança quer alcançar, lembrando que a comunicação boca-a-boca é que mais vem dando certo na experiência da Aliança.

Se “estamos falando de políticas inclusivas no campo da própria política, não se pode ignorar p como caminhar com questões tão latentes e para isso, é preciso considerar a importância da parceria com outros autores e que há uma diferença de público a ser alcançando por nós”.



Nesse cenário, “a questão conceitual é importante, logo, é preciso definir que linguagens de fato utilizaremos para passar a nossa mensagem”.

Propõe-se a realização de treinamento de mídias, com imersão, além da valorização da própria Rádio Web e a sua história nos processos.

A Aliança deve apostar na criação de um núcleo político dedicado à comunicação. Para o período Outubro/novembro, em que ocorre a mobilização nacional pró-saúde da população negra, essa rede deve manifestar-se publicamente, usufruindo dos recursos de comunicação que são possíveis e o Sindicato dos Radialistas colocou sua capacidade técnica à disposição para em parceria, gravarem todos os conteúdos possíveis que serão usados nesse período.

As informações acima foram registradas a partir das anotações realizadas no decorrer da atividade e, todos os apontamentos foram a partir das falas dos que estavam presentes, estando esse documento, aberto para “correções”, e/ou “alinhamento” dos sujeitos participantes.